

Abolição e emancipação das mulheres

O primeiro romance de Júlia Lopes de Almeida e as questões que o Brasil ainda não resolveu

Com a *A família Medeiros*, a Editora Hedra inicia a publicação das Obras Completas de Júlia Lopes de Almeida, que serão publicadas em 18 volumes.

O romance veio a público, pela primeira vez, em 1891, em folhetim, na *Gazeta de Notícias*, e em livro no ano seguinte. A edição de referência para este volume é a última, de 1919, ano em que a obra foi reeditada e a autora teve a chance de revisá-la, conferindo-lhe forma definitiva, depois de quase trinta anos da primeira edição.

Ambientado na região de Campinas, no estado de São Paulo, o livro retrata os costumes e conflitos de duas gerações da família do Comendador Medeiros, um cafeicultor brutal que resiste à iminente libertação dos escravizados. Por sua vez, Eva, sua sobrinha, e Otávio, seu filho, defendem abertamente os ideais abolicionistas e republicanos. No seio da Família Medeiros encontram-se, portanto, duas questões centrais do Brasil que ainda estão por resolver, apesar dos avanços recentes: o racismo e a emancipação das mulheres.

Cada uma das duas gerações administra uma propriedade rural: a Fazenda Genoveva, conduzida pela mão forte do Comendador e seus asseclas, insiste na brutalidade da exploração da mão de obra escravizada, que, por sua vez, resiste articulando uma revolta, um dos pontos altos do enredo. Trata-se do oposto do que ocorre na fazenda Mangueiral, sob a responsabilidade de Eva, cujas atividades são conduzidas com respeito à dignidade humana por meio da partilha dos lucros.

O registro desse ambiente social e político conturbado, no estado de São Paulo dos últimos anos do século XIX, faz de *A família Medeiros* uma obra fundamental para a compreensão do Brasil contemporâneo. Além do retrato de um momento crucial da nossa história — os acordes finais da crise do Segundo Reinado, a abolição da escravidão e a Proclamação da República —, o livro surpreende pela atualidade de passagens em que o ambiente familiar, cindido pelo

Júlia Lopes
de Almeida

A família Medeiros

obras *
completas

Metabiblioteca



Título *A família Medeiros*

Autor Júlia Lopes de Almeida

Organizadores Anna Faedrich e Rafael Bal-
seiro Zin

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-721-1

Pág. 280

Pré-venda 30/05

Lançamento XX/XX

Preço R\$ XXXXX

debate político, se radicaliza, refletindo as chagas abertas da sociedade brasileira.

Sobre a autora

Júlia Lopes de Almeida (1862–1934) nasceu no Rio de Janeiro. Considerada um verdadeiro fenômeno literário, escreveu romances, contos, novelas, peças teatrais, crônicas, ensaios, livros didáticos e infantis. Estreou como escritora em 1881, incentivada pelo pai, com uma crônica publicada na *Gazeta de Campinas*. Entusiasta da modernidade e das mentalidades daquele período de efervescência cultural e intenso otimismo, compôs em seus textos um amplo painel da *Belle Époque* carioca. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi publicado em folhetim, na *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro, de 1888 a 1889. Em seu casarão no bairro de Santa Teresa, oferecia celebrados saraus nos jardins, então conhecidos como *Salão Verde* — onde ocorreram algumas das reuniões de criação da Academia Brasileira de Letras, de que Júlia Lopes teria participado, se não tivesse sido afastada da cadeira que ocuparia sob o argumento de que nossa academia deveria seguir o modelo da francesa, frequentada apenas por homens. Apesar dessa deslealdade de parceiros, a autora não seguiu atuante e incansável no meio literário, jornalístico e intelectual brasileiro e na luta pela emancipação feminina, aconselhando mulheres a trabalharem e a terem sua própria fonte de renda para não dependerem dos homens, criticando filósofos misóginos, contestando a falta de educação para as mulheres, mas, sobretudo, o tipo de educação que recebiam em casa, destinada apenas ao casamento e à futilidade. Desde sua morte, em 1934, foi gradativa e injustamente aliada da memória e história literárias, processo que esta coleção de Obras Completas pretende reverter.

Sobre os organizadores

Anna Faedrich é doutora em Letras, com especialização em Teoria da Literatura (pucrs), professora de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense (uff) e coordenadora do projeto de pesquisa *Literatura de autoria feminina na belle époque brasileira: memória, esquecimento e repertórios de exclusão*. É autora de *Teorias da autoficção* (eduerj, 2022) e *Escritoras silenciadas* (Macabéa/ Fundação Biblioteca Nacional, 2022).

Rafael Balseiro Zin é sociólogo e doutor em Ciências Sociais, pela puc-sp, onde atua como pesquisador no Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp/cnpq). Nos últimos anos, entre outros temas, tem se dedicado a investigar a trajetória intelectual das escritoras abolicionistas no Brasil, com especial atenção ao legado de Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida.

Trechos do livro

- **A miséria dos homens frente aos animais**

- Observe o rebanho a pastar: ele nada sabe do que é o ontem e o hoje; saltita aqui e acolá, come, descansa, digere, novamente saltita, noite e dia, dia após dia. Em resumo, preso ao seu prazer e desprazer, estancado no instante, não se entristece nem se enfastia. Ver isso é difícil para o homem, que se vangloria de sua humanidade perante o animal, mas contempla enciumado a sorte deste — pois o homem apenas quer, como o animal, viver sem fastio e sem dor; mas o quer em vão, por não querer como aquele. O homem pergunta ao animal: “por que nada me diz de sua sorte e apenas me fita?” O animal quer responder e dizer: “acontece que eu sempre esqueço o que quero dizer” — mas já esquece essa resposta e silencia, e o homem se espanta.

- **A ciência domina a vida humana**

- Aliás, hoje é vangloriado o fato de que “a ciência começa a dominar a vida”: é possível que se chegue a isso, mas a vida assim dominada não tem muito valor, pois é menos vida e garante menos vida para o futuro do que outrora, quando se dominava a vida não pelo saber, mas por instintos e fortes alucinações. Mas esta não deve ser, como dissemos, uma época de personalidades harmoniosas, perfeitas e maduras, mas a do trabalho mais ordinário e mais útil possível. Isso significa que os homens devem direcionar-se aos propósitos da época para trabalhar o mais cedo possível. Eles devem trabalhar na fábrica das utilidades universais antes de se tornar maduros — porque seria um luxo dispensar do “mercado de trabalho” uma grande quantidade de força. Cegam-se alguns pássaros para que eles cantem melhor; não acredito que os homens de hoje cantem melhor do que os de outrora, mas sei que se cegam na atualidade. Mas o instrumento, o terrível instrumento que utilizam para cegar é uma luz por demais rútila, súbita e cambiante.